



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambre, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ATA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Riquezas perdidas...

Será uma fantasia afirmar-se que Portugal é um país com condições de vida própria?

Nós estamos convencidos que não. O país tem condições para viver dos recursos próprios, e quando dizemos isto não pretendemos afirmar que Portugal continental possa hoje ou amanhã produzir tudo quanto os seus habitantes tem necessidade de consumir, mas que não é uma utopia supor realizável o equilíbrio entre as importações e as exportações. Rigorosamente, nenhum país poderá bastar-se a si próprio, isto é, nenhum poderá dispensar as importações. De vastos e inúmeros recursos dispõe a República Norte-Americana e entretanto é um país importador. A Rússia, cuja extensão territorial é enorme, ainda que se organize industrialmente, não poderá dispensar as importações. A própria Inglaterra, com domínios em todos os continentes do mundo, é subsidiária, ao alimentício como nas matérias primas para as indústrias, de outros países.

Não enfileiramos no número daqueles para quem Portugal é o país mais rico do mundo. Há muita gente boa que faz esta afirmação. Com os mesmos erros de exatidão não falta por aí, também, quem proclame aos quatro ventos que isto não vale nada.

A verdade é que, bem vistas as coisas, não uns nem outros têm razão.

Portugal não é nem o país riquíssimo que muitos querem, nem o país pobríssimo e imprestável que outros pretendem que seja.

Vejamos: Económicamente, parece incontra-verso que devo ser a agricultura a nossa principal fonte de receita. É assim porque mais de dois terços da população vive directamente do labor agrícola e porque quatro quintos da exportação nacional são constituídos por produtos agrícolas e derivados. Entretanto, nota-se, sem grande esforço de investigação, que importamos uma grande parte dos produtos agrícolas que consumimos — trigo, milho, centeio, arroz, batata, etc. — e que a nossa capacidade de produção por unidade de superfície está bem longe de atingir a dos outros países. Nós produzimos em média 9 hectolitros de trigo por hectare, quando a Dinamarca produz 40, a Bélgica, 32; a Holanda, 31; a Inglaterra, 28; a Alemanha, 27, etc.

Os dados estatísticos conhecidos dão como produção média regular, nos últimos anos, 2.500.000 hectolitros de trigo, o que corresponde a 280.000 hectares de terras semeadas, tudo em números redondos. As nossas necessidades de importação de trigo somam uma quantidade igual, isto é, outros 2.500.000 hectolitros, o que quer dizer que, não modificando os processos de cultura, teríamos de arrotear mais 280.000 hectares de terras para produzirmos o trigo suficiente para nos alimentarmos. Se quisessemos realizar esta tarefa em três anos, sem recorrer a outro meio que não fosse o esforço humano, teríamos de efectivar uma mobilização anual de 140.000 trabalhadores. Conquanto este esforço não se afigure um impossível, é certo que não há necessidade de recorrer a ele. A adop-

ção de mais aperfeiçoados métodos de cultura resolveria por si só o problema. De facto, as experiências parciais já realizadas provam que uma mais profunda mobilização do solo pode duplicar e triplicar até a capacidade de produção por unidade de superfície. O que é preciso pois é impulsionar a introdução da maquinaria agrícola e paralelamente estimular ao emprêgo racional dos adubos químicos.

A irrigação seria também um recurso. Quando se fala em irrigação não falta quem suponha a possibilidade de inundar todo o Alentejo. Ora o Alentejo tem cerca de 2.400.000 hectares de superfície, dos quais 200.000 são susceptíveis de rega, recorrendo à construção de albufeiras, poços artesianos e enateiramentos. Mas por pouco que pareça, esse 200.000 hectares de terras regadas dar-nos-iam por ano 3.000.000 de hectolitros de trigo, 1.800.000 hectolitros de milho e 300.000 toneladas de batatas.

Não há economistas e técnicos competentes que julguem impossível a realização das medidas de fomento acima expostas. E, entretanto, sendo a maior conveniência para o país a sua realização, porque não estão elas postas em prática?

A conveniência do país não é sempre e necessariamente a conveniência dos usufrutuários ou proprietários das terras. Sente-se aqui bem o prejuízo da detenção individual do solo quando não há um Estado que ou por medidas hábeis ou persuasivas ou por medidas extremas e violentas imponha o melhor aproveitamento das terras.

No campo industrial o mesmo desleixo, o mesmo atraso. As nossas principais indústrias de exportação — a vinhateira, a corticeira e a das conservas — estão nas mãos dos pequenos industriais que nem dispõem dos mais modernos processos de técnica, nem dos recursos financeiros para lutar vantajosamente. De que maneira tem o Estado impulsionado a concentração industrial? De modo algum. E assim, se amanhã fossem anulados os favores da pauta aduaneira, nenhuma indústria portuguesa ficaria de pé.

Sim, Portugal não é o país rico que muitos querem, mas não é também o país paupérrimo que outros pretendem.

A força motriz, escassa e cara entre nós, é um dos maiores estorvos ao progresso industrial. E entretanto dispomos averiguadamente de 500.000 cavalos-vapor de energia hidráulica, dos quais não estão aproveitados ou em via de aproveitamento mais de 20.000. Não temos combustíveis bons. Mas com linhetes inferiores às de Porto de Mós e de Santa Suzana, criou a Alemanha, já depois da guerra, centrais eléctricas que fornecem 350.000 cavalos-vapor de força motriz.

Nunca em nenhum país, perante tanto desleixo e inação pelo melhor aproveitamento das riquezas, melhor se justificou uma revolução profunda e renovadora que meta tudo isto nos eixos, rompendo de vez com os interesses privados para atender o salvaguardar os interesses colectivos.

russo alparcados na C. G. T., o que, ainda segundo a supracitada gazeta, «sobressalta os espíritos reflectidos, menos pelo perigo imediato, que não oferece, do que pelo péssimo sintoma que constitui».

Sosseque o assustado Norte e continue a debicar, que nos diverte imenso...

A greve dos marítimos do Porto

A greve dos trabalhadores fluviários do Porto e Gaia, continua no mesmo pé, não se tendo produzido nenhuma alteração digna de menção.

A Federação Marítima reuniu ontem, tendo nomeado uma comissão que entrevistar hoje o ministro do interior, a fim de que seja reaberta a Associação dos Trabalhadores Fluviários do Porto e Gaia, arbitrariamente encerrada pelas autoridades portuenses, e ainda para obter a liberdade dos devedores. Resolveu a Federação prestar todo o auxílio às camaradas aderentes, voltando a reunir amanhã, pelas 18 horas, com a presença dos delegados das associações de classe de Lisboa e arredores.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Uma boa saída

Johannes Brahms, o músico illustre, autor de várias obras apreciadas e vulgarizadas entre nós, era um homem de muito boas saídas. Numa ocasião, estando em Frankfurt onde frequentemente ia, o seu amigo Scholz, bom camarada mas músico medíocre, apresentou-lhe as suas produções pedindo-lhe um parecer. Assistia Brahms à execução de uma peça que decididamente não era especialidade nenhuma. Terminada a audição, Brahms, não querendo desgastar o amigo mas não podendo também elogiar uma obra que lhe desagradava, ficou-se por momentos silencioso, embaraçado, com a partitura nas mãos, sob o olhar interrogador do outro. Nisto, tateando a folha e examinando-a por ambos os lados:

— O Scholz, onde foste tu encontrar um papel de tão boa qualidade?

O terror na Hungria

Sabe-se que o governo dos Soviéticos, por meio de um rádio assinado por Tchitchérine, commissário dos negócios estrangeiros, ameaçou o governo de Budapest de executar trinta oficiais húngaros, tidos como reféns, se aos comunistas condenados fosse tirada a vida. Esta ameaça fez reflectir os chefes do terror branco. O conde Teleki, ministro húngaro dos negócios estrangeiros, protestou contra o que chama «uma violação flagrante do direito dos povos» e «uma intuição na justiça húngara». Mas acrescenta:

«Como esta desumana ameaça do governo russo expõe as vidas de milhares de bravos oficiais húngaros, o governo da Hungria decidiu salvá-los e propõe um retamento de relações com o governo russo sobre a sorte dos ex-comissários».

Parece, pois, que os ministros de Budapest não cometerão já o revoltante crime que premeditavam. Desta vez venceram os trabalhadores.

No continente negro

Um governador bárbaro

Perseguições e deportações — Um homem que morre no degredo

Em 3 de Setembro do ano findo declararam-se em greve, conforme tivemos ocasião de referir em carta do nosso pressado correspondente de Lourenço Marques, os operários ferroviários, no intuito de obter mais alguns vitens, que o comércio absorveria em seguida. Parece, porém, que houve receio que os ferroviários recebendo um aumento de salário pudessem fazer fortuna e, parte deles, regressar a Lisboa, inchados e importantes, protestando contra as propostas de finanças.

O governador, ao ser sabedor da greve, tentou resolver a questão dum forma rápida e prática, decretando a mobilização dos ferroviários, e exigindo-lhes a sua apresentação num prazo de 48 horas.

Não se apresentaram os grevistas, porquanto o facto de transformar um homem em militar não faz desaparecer as necessidades, que só o aumento de salário pode transitoriamente satisfazer. Datam daí as perseguições actuais, em cujos pormenores não queremos aqui entrar, mas que são idênticos aqueles que os governos da metrópole provocam em situações parecidas.

O importante do caso, o revoltante, no meio de tudo isto, é o governo geral da província ter abusado da distância que o separa de terras um pouco mais civilizadas, para pôr em prática as mais selvagens desumanidades, para infligir os mais horrores castigos a homens que aspiram e têm o direito de ser livres, porque trabalham e o trabalho dignifica o trabalhador, dando-lhe direitos que qualquer ditador bárbaro não pode retirar.

O governo geral da província sentiu-se em terreno conquistado, e a título de transferência, deportou um punhado de homens, ferroviários. A transferência foi de tal ordem que se encontram na Fortaleza de S. Sebastião nove camaradas, presos. Muitos deles, segundo trechos de cartas suas transcritas pelo *Emancipador*, baluarte socialista de Lourenço Marques, passam fome mais negra do que os naturais daquelas paragens inóspitas.

O mais grave, que o governo da metrópole provavelmente ignora, e que o governador daquela província desejará que fique para todo o sempre no incógnito, é que um dos ferroviários deportados, devido à fome e à carência das mais elementares comodidades, faleceu, minado por pertinaz doença.

Sobre todos os pesados crimes de cujos resultados só as autoridades superiores da província de Moçambique são responsáveis, pesa mais um crime, o maior, o mais abjecto — a morte dum trabalhador.

Mantém, apesar de tudo, o governador de Moçambique a sua resolução feroz de conservar no degredo trabalhadores cujo único crime foi o de reclamar o bem-estar a que tem incontestável direito. Nem os chefes das famílias dos deportados, nem o precário estado de saúde em que esses homens se encontram, nem mesmo a morte do infeliz Joaquim Campos, trabalhador honesto, comoveram o pétreo coração do governador.

O estado de espírito do operariado de Lourenço Marques pode-se calcular mesmo de longe. Os ânimos estão exaltados.

DEBATE DE OPINIÕES

A nossa revolução

não fará imediatamente a felicidade do povo

Eu não teria dúvidas e já aqui o declarei, em colaborar numa revolução política que me desse a garantia da realização imediata de certas reformas como a sindicalização operária obrigatória, o cooperativismo obrigatório também, a cartelização das indústrias e do comércio de importação e exportação, etc. Mas não participo nem participarei em trabalhos tendentes a provocar uma revolução nacional que dê à classe operária, representada pela C. G. T., a responsabilidade de direcção da vida social.

Eu justifico a minha atitude. O país, todos o sabem, não produz nem tem possibilidade de produzir de pronto tudo quanto a sua população consome e menos ainda o que precisaria consumir, se o deficit de alimentação não fosse um mal crónico de certas camadas sociais. Por enquanto, na vigência do regime burguês, ainda as coisas se vão atamancando com os subsídios do estrangeiro. Os mercados externos, pior ou melhor, vão-nos fornecendo as 200.000 toneladas de trigo de que carecemos; as 800.000 toneladas de carvão; o arroz; as batatas, o algodão, o ferro, etc., etc.

Amanhã, em face dum eclosão dum movimento revolucionário nacional, a nossa situação seria inteiramente diferente. O nosso isolamento económico, circunstância fatal como que temos de contar reduzir-nos-ia logo a uma penúria extrema. De nada nos serviria ainda que fosse possível imediatamente a socialização integral da propriedade e dos meios de produção, de nada nos serviria a anulação do comércio lucrativo. Tudo isto não nos dava logo o trigo, o milho, o arroz, as batatas, o bacalhau, o algodão, a lã, o carvão e o ferro de que precisamos.

Ainda que se operasse imediatamente a paralisação das indústrias de exportação como as das conservas e das cortiças, ainda que imediatamente se efectuasse o desengonçamento dos grandes centros urbanos, pondo o maior número de indivíduos a trabalhar nos campos, ainda assim, os resultados de toda esta revolução das condições do trabalho não seriam sensíveis imediatamente.

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

Um beato que se desfaz

MOSCÓVIA, 17.—Na ocasião dos funerais do sábio russo Karpof de certos meios contra-revolucionários foi lançada a notícia afirmando a morte de Lênine. Os boateiros aproveitaram-se do facto de Lênine há uma dezena de anos ter usado o pseudónimo de Karpof, para estabelecer a confusão.

O comércio exterior

MOSCÓVIA, 17.—Um certo número de comerciantes finlandeses e alemães tiveram uma conferência, há pouco tempo, em Vyborg (Finlândia), onde se discutiu a questão do retamento de relações comerciais com a Rússia Sovietista. A conferência nomeou uma comissão que virá brevemente a Moscóvia para iniciar as negociações com o governo sovieta.

O governo russo fez, com algumas casas finlandesas, um contracto relativo à importação dum grande quantidade de papel.

A educação profissional

MOSCÓVIA, 17.—Existem actualmente na Rússia 272 escolas de agronomia, 77 das quais foram abertas depois de 1918. Existem também duzentas e tantas escolas.

A organização do trabalho

MOSCÓVIA, 17.—O Instituto para o estudo experimental do trabalho humano convocou uma conferência de todas as sociedades científicas, afim de estudar o trabalho sob os pontos de vista fisiológico e psicológico.

A higiene publica

MOSCÓVIA, 17.—O commissariado de higiene pública dispõe, nos sanatórios da Criméa, de 7.000 leitos. Foi encarregada uma missão extraordinária de tomar as medidas necessárias para pôr em bom estado todas as casas de saúde e sanatórios existentes na Criméa.

Recompensas aos comandantes do exercito vermelho

MOSCÓVIA, 17.—O comité central executivo dos soviets decidiu recompensar Kamenief, comandante em chefe do exercito vermelho e o comandante de cavalaria, Budiney, com a mais alta distinção existente na Rússia — a ordem da bandeira vermelha de honra. Kamenief deu provas dum talento excepcional e uma dedicação perfeita pelos interesses da república sovieta na direcção das operações que trouxeram uma serie de vitórias em todas as frentes. Budiney conduziu a acção nas frentes de sudoeste e sul, que foi decisiva. Ao mesmo tempo foi recompensado com a ordem da bandeira vermelha o chefe do Estado Maior em campanha, Lebedef.

Protecção à infância

MOSCÓVIA, 17.—O commissariado de instrução pública occupa-se na elaboração dum código dos direitos da criança. Este código conterá todos os decretos e circulares do governo sovieta relativos à protecção à infância.

Uma nota de Tschitcherine dirigida à Romenia

MOSCÓVIA, 17.—O commissário dos negócios estrangeiros Tschitcherine dirigiu ao ministro dos negócios romenos, a nota seguinte:

«O governo russo recebeu com prazer a sua declaração relativa à atitude pacífica e correcta do governo romeno perante as repúblicas soviéticas russa

A arte e os artistas

ANTE A REVOLUÇÃO

A alma dum artista e a dum revolucionário são irmãs: caminham juntas na mesma ânsia de beleza

Não há ainda muito tempo, fui encontrar um artista absolutamente convencido de que eu, revolucionário, não podia ter amor a cousas de arte.

— O quê? Você, pregador de revolta, mesmo que essa revolta cause sangue e dor, possui realmente um ideal pleno de beleza, de amor e de paz?

Indignei-me naquele momento, protestei, apresentei argumentos que a minha exaltação ditou. Depois, em casa, só, absolutamente só com a minha consciência, arrependi-me dessa exaltação. Vi claramente que esse artista não queria ferir os meus ideais — simplesmente me não compreendia.

E, como este artista, há muitos outros que hostilizam os anarquistas, sindicalistas e socialistas revolucionários, só porque estes, numa ânsia de liberdade e de perfeição, pregam a revolta, que transforme pela violência uma sociedade que pela violência se mantém. Julgam, coitados, que pelo facto de nos revoltarmos não sonhamos ideais belos, que encantem o espirito e deliciem os olhos. Como estão enganados! Se não fossemos demasiado sonhadores já não nos revoltáramos. A nossa revolta provém do ideal de beleza, que não podemos realizar tam depressa como desejamos.

Puis, em cada revolucionário um coração de artista, artista completo, que vê a mais alta beleza, que eleva e engrandece, querendo torná-la pertença de todos.

Não é apenas num objecto artisticamente trabalhado, num quadro grandioso ou numa escultura admirável, que nos encontramos harmonia. E também nas afectuosas relações entre os homens, na liberdade com que cada um de si possa dispor.

Numa sociedade defeituosa, assente sobre o roubo, sempre pronta a sofocar a espontaneidade nos indivíduos, não podemos encontrar beleza. Uma sociedade, porém, que, dando toda a liberdade ao homem, lhe permita entregar-se, sem preocupações angustiosas, ao seu trabalho artístico — é, para nós, a sociedade ideal. E porque não há de se-lo também para os artistas, para esses mesmo que defendem o que está?

Os artistas só podem desejar um regime, uma organização social, onde as faculdades humanas se desenvolvam sem peias, sem incómodos nem sacrifícios. Os anarquistas, como eu, mostram-nos uma sociedade, onde todas as peias deixam de existir, onde são impossíveis esses entraves — e os artistas olham-nos desdenhosos, insolentes alguns, como se lhes apresentássemos algo que fosse contra os seus mais caros interesses. Acaso a sociedade capitalista, que accorrença as necessidades do indivíduo à sua situação económica, satisfaz esse ideal de perfeição que todo o artista de verdade possui? Evidentemente que não satisfaz. Então para que a defende o artista? Porque razão luta contra os seus próprios interesses?

O artista não tem afinidades com a burguesia. Os seus ideais diferem absolutamente. Se collocarmos um poeta ou um escultor junto dum mercador poderoso, enriquecido pela guerra, sentir-se-ão ambos mal dispostos. Os gostos dum são o pesadelo do outro. O mercador preocupa-se com o seu negócio de margarina que nos vende por manteiga, com as mil e uma mentiras

e ucraniana e assegurou que a República russa por seu lado é absolutamente estranha a qualquer desejo de ingerência nos negócios romenos ou hostilidade contra eles e está firmemente resolvida a não violar em cousa alguma as relações pacíficas estabelecidas actualmente entre a Rússia e a Romenia. A opinião do governo russo vai mais além, desejando-se negociar com a Romenia no sentido de estabelecer as relações mútuas dos dois países sobre a base definitiva dum tratado. Já dissemos na nossa correspondência anterior que desejaríamos imenso afastar toda a causa de resentimento entre a Rússia e Romenia, examinando durante a projectada conferência todas as questões de interesse para a Romenia. Ukrânia e Rússia e saber se as notas da Rússia e da Ukrânia, datadas de 2 de Maio de 1919, teriam criado entre as primeiras e a Romenia, algum estado de guerra, nesse caso deve essa questão ser resolvida juntamente com as outras. Se, no entanto, o governo romeno persiste na sua attitude negativa respeitante a um exame total de todas as questões pendentes entre a Romenia, Ukrânia e a Rússia seremos obrigados, no superior interesse da paz, a restringir a conferência próxima à solução das questões mais urgentes, tais como o restabelecimento das relações comerciais e a regularização das questões imediatas, tais como a navegação no Dniester. A Rússia está animada do ardente desejo de estabelecer sobre bases sólidas a paz com a Romenia. O nosso governo alimentará a firme esperança de que este desejo será recíproco e que ele se manifestará de facto pela convocação, durante tanto tempo transferida, da conferência que vos propuzemos. (a) Tschitcherine.

Mario DOMINGUES

Um novo dirigível

MOSCÓVIA, 17.—Acaba de ser construído um novo dirigível, que tem o nome de *Estrela Vermelha*. O novo dirigível acaba de empreender o segundo voo, que durou mais de três horas. O *Estrela Vermelha* levou 17 passageiros.

Juventude anti-alcoólica

Reuniu ontem a comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária e na próxima 6.ª feira às 21 horas reúne novamente.

Na próxima semana deverá realizar-se uma conferência anti-alcoólica dedicada aos jovens sindicalistas de cuja Federação a comissão aguarda todo o apoio para que os operários de Portugal vejam progredir a organização anti-alcoólica no seu meio, já porque a burguesia nada faz nesse sentido, já porque a emancipação moral dos trabalhadores, a sua libertação dos vícios produzidos pela imoralidade capitalista, deverá ser obra exclusiva dos próprios trabalhadores. Na sede da Juventude Sindicalista do Beato e Oliveira também em breve se realizará uma conferência.

Livros recebidos

Foram-nos amavelmente remetidas publicações diversas sobre os mais diversos assuntos. Entre ellas figuram as seguintes:

Os números de Janeiro a Abril do ano findo, da *Águia*, órgão da Renascença Portuguesa; *Cantico de Flores*, por Carlos Beça; *Repto ao Mundo*, de Francisco Alves; *Barros*, Antologia Portuguesa; 200 milhas a remos, por Luís José Simões; uma publicação da Associação Central de Agricultura Portuguesa acerca das propostas de fiances; dois exemplares da *Novela Portuguesa*; *Quem não trabalha não come*, por Adelfino Pinho; *A campanha contra o adido militar em Paris*, por Vitorino Godinho; *Moral e Religião*, por Vasques Calate e o n.º 4 dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*.

A GREVE

— DOS

Trabalhadores dos jornais

Desnorteadíssimo...

Não podiam as empresas jornalísticas encontrar no Porto jornal que com menos escrúpulos se prestasse a fazer a sua defesa que *O Norte*, o qual está positivamente desorientado por virtude da aliança que os trabalhadores da imprensa veem de fazer, por intermédio da Federação do Livro e do Jornal, com os tipógrafos e distribuidores de jornais, acontecimento que deveras assustapantava a referida gazeta, que não pode conformar-se com semelhante união.

Todos os dias *O Norte*, talvez porque lá por casa falta original, debica no órgão das empresas de Lisboa algumas insidiazinhas, que comenta a seu modo, no intuito, é claro, de apresentar os trabalhadores intelectuais como «movidos por agentes do bolxevismo».

O mutualismo e as farmácias

Da direcção da Liga Aliança Mutualista recebemos, conforme dissemos há dias, uma longa carta em resposta à que aqui foi publicada em 3 do corrente mês. A despeito da extensão dessa carta, em que os seus autores se não limitam a defender-se das acusações contidas na que a motivou, damos-lhe aqui a seguinte:

«Sr. director de «A Batalha»

As associações em questão tem vivido, nos últimos dois anos, de meros expedientes, debatendo-se numa crise angustiosíssima, merecendo o império de desleixo a que as suas direcções se deixaram chegar, vindo-se muitas vezes em situações bem afiladas para pagar os seus compromissos aos sócios e aos fornecedores.

Os médicos e os fornecedores das farmácias é raro o mês que não se vêm embarcados para alargar o seu dinheiro, tendo de voltar para suas casas sem o receberem.

Para se pagarem os subsídios são, em via de regra, os cobradores visados pelo articulista, que vem salvar essa crítica situação adiando o dinheiro à tesouraria. Com o pessoal das farmácias gastando-se anualmente mais de trinta mil escudos e com os escritórios cerca de vinte e cinco mil escudos.

O pessoal da tipografia consome anualmente uns seis mil escudos.

Os serviços estão em caos e os interesses dos associados tem sido relegados para um plano inferior, não se tendo abalado as direcções transatas ao emprego rápido de medidas sensatas e de largo alcance para fazerem face aos fornecedores do dinheiro dos associados.

Segundo cálculos recentes, muito aproximados da verdade, estas associações vão fechar as suas portas ao fim de um ano com um deficit superior a vinte e um mil escudos, sendo respectivamente nove mil escudos do Montepio Aliança, cerca de sete mil escudos da Nova Aliança, uns quatro mil e quinhentos escudos da Onze de Dezembro e cerca de seiscentos escudos da Aliança Universal.

E' um belo legado este que nos deixou a direcção do conspícuo cobrador que inspirou a carta que vimos apreciando, não é verdade?

O fundo de inabilidade destas associações, para as suas direcções fugirem capciosamente ao que dispõe o § 2.º do art. 11.º do decreto de 2 de Outubro de 1896, foi depositado numa pseudo Caixa Económica para uso interno, que nem regulamento possui, onde as associações federadas vão buscar, desse fundo, o dinheiro que vão necessitando para ocorrer às despesas com o fundo de doença. Medidas para acudir a esta angustiosa situação, nem uma.

Pagam-se favores, fazem-se serões aumentam-se ordenados e salários, inventam-se lugares, criam-se nichos em vez de se diminuir o d'espensas e criam-se novas fontes de receita. Quando não havia dinheiro no fundo de doença iam à tal Caixa Económica busca-lo. Com que garantia? Nenhuma. E' preciso dinheiro, arranja-se ou inventa-se, sem se olhar que amanhã, exausto o fundo de inabilidade, as associações desapareçam, ficando os desgraçados inabilitados numa situação fácil de avaliar.

A tipografia também está dando deficit às associações federadas. As paredes da casa onde esta funciona foram trespassadas à Liga por trezentos escudos, por um director da Liga, da gerência de 1919, estando ainda hoje o contrato de arrendamento em seu nome e pagando a Liga todos os meses essa renda com um recibo em nome desse cavalheiro. O senhor vai vender o prédio, constando que, como a Liga não tem arrendamento, vai ser-lhe dada ordem de despejo. De quem é culpa disto? Deles, daqueles que antes de tomarmos posse já sabiam o nosso plano de administração.

Está tudo um caos! Não há livro de inventários e alguns dos livros de escrita não estão rubricados e a lei determina. A escrituração está atrasadíssima. Ainda há dias, tendo-se pedido uns elementos de escrita para se fazer uma certa estatística destinada a avaliar as causas do delinquente destas associações, foi-nos dito que só daqui a quatro meses poderíamos estar feitos porque estavam ainda por escrever documentos de Março para cá! E as repartições estão cheias de pessoal! Os serviços prestados às associações pelas farmácias privadas constituem uma verdadeira calamidade. Fazem-se fornecimentos recebendo os empregados que os efectuam a importância de 3 a 5 por cento de lucros, além de outras alturas já descobertas por nós.

Os produtos não são escrupulosamente escolhidos e, daí o facto de aparecerem alguns de baixa qualidade, e até outros falsificados como ainda há poucos dias se notou com a linhaça em pó. Há duas casas que tem quasi arrematado o fornecimento dos medicamentos, chegando a haver questões entre os fornecedores e os empregados encarregados da compra dessas drogas com ameaças até de divulgação do segredo. Há mesmo lá dentro um serviço de espionagem bem montado e do qual fazem parte algumas empregadas parentes desses fornecedores, com a incumbência de os auxiliarem na escolha da sua casa. E nenhum destes cavalheiros sabia disto! Mas há mais!

No laboratório, conforme testemunho de pessoas idôneas, ainda hoje empregados da Liga, tem-se manipulado certos medicamentos tais como: xarope tomo-tónico, nucleose e outros, sem que levem a composição devida. Do primeiro tiravam-lhe o iodo e tãno para venderem cá por fora. Do segundo tiravam-lhe o ácido nucleico para se tornarem vendendo clandestinamente. Quando for necessário aparecerem provas. O relatório de tudo isto far-se-á e depois veremos quem tem razão. E' um escândalo e uma vergonha.

Tem havido empregados que criminosamente manipulam certos medicamentos não empregando as substâncias nem as quantidades devidas para depois as venderem clandestinamente. Há médicos que tendo analisado produtos saídos das farmácias da Liga, encontram-lhe substâncias diferentes. Ainda há pouco isso foi descoberto sendo analisado um desses produtos na associação dos médicos, provendo-se então que, em vez de bismuto, era bicarbonato de sódio o conteúdo dessas hostias. Como este, há mais casos. Foi nesta ocasião em ocasião oportuna. Foi nesta

situação, palidamente reproduzida nestas poucas palavras, que os actuais corpos gerentes, formados todos de homens honestos e cheios de vontade, antigos e novos sócios, se uniram na ânsia de cumprir o dever de salvar aqueles fortes organismos associativos numa ruína certa, chamando a si, como peritos a empregar uma sindicância já iniciada aos serviços da Liga, farmacêuticos, contabilistas, etc., na sua maioria homens com conhecimentos técnicos para auxiliarem as Direcções no estudo das causas do delinquente das nossas associações, observando a sua escrita, estudando o funcionamento de tudo o que diz respeito à Liga. E' isto um crime? Constitui isto razão para que os corpos gerentes de 1920 tenham tido pouca vontade de abandonar os lugares? Não. A causa é bem outra. Eles sabem os erros que cometeram.

Sabem a ruína administração que fizeram. E' por isso, com receio que os poderes venham a público, que eles tentam aliar tudo e todos, com métricas suposições de que vão acabar com as farmácias da Liga—com o que, aliás, o Estado nada tem que ver—em vez de provarem documentadamente que houve ilegalidades, como dizem, no decurso do acto eleitoral. Fizeram queixa para o ministério do trabalho de imaginários planos de administração nossa, quando antes deviam provar—o que ainda não fizeram nem podem fazer—com certidões das actas das próprias assembleias, que houve tumultos e graves irregularidades durante os actos eleitorais, quando toda a gente honesta sabe e as próprias actas o confirmam, de luta contra nós, preparada com antecipação de bastantes dias, foram à urna em todas as associações, sendo derrotados por uma maioria esmagadora, apesar de terem andado pela Casa da Moeda e por outros pontos a mendigar votos e a fazerem tais ameaças que nos forçaram a pedir à esquadra próxima dois guardas para permanecerem à porta da rua, a fim de poderem acudir de pronto a qualquer tentativa de alteração da ordem, o que bastasse o f.º enraivecer, pois o tenebroso plano de assalto à mão armada, foi descoberto a tempo. Não o conseguiram porque fomos avisados a tempo, tendo tomado logo imediatas providências.

Do que tem pois que se queixar? Porque não convocam outras assembleias para nos irradiarem? A razão é bem simples. A atmosfera não lhes é propícia. Não tem dentro das associações sócios que os acompanhem ao lado dos seus maravilhosos planos de administração.

Agora vamos aos tais decantados 22 contos de lucros das farmácias. Como se acredita nisto se as associações apresentem todas deficits enormes! Estes lucros são fictícios. Os medicamentos, em regra, são vendidos às associações por preços superiores aos das farmácias particulares. Já na Bélgica esse truque foi há anos descoberto. O caso é este: um frasco de Histogenol, que as farmácias particulares vendem por seis escudos, é vendido às associações, pelas farmácias da Liga, por sete escudos. Uma garrafa de água de Carabânia, que uma farmácia particular vende por um escudo e oitenta centavos, é vendida pelas farmácias da Liga por dois escudos e cinquenta centavos. Digam lá que isto é falso!

Comparando agora o gosto das nossas Associações com o de outras os que tem igual número de sócios e que se fornecem de farmácias particulares, vemos que estas gastam a parte por cento do que as da Liga. Como se compreende isto? Os médicos são os mesmos.

Mas não são fomos eleitos para exterminar as farmácias da Liga. Fomos, sim, eleitos para as administrar. E' o que temos feito e o que devemos fazer. Que elas se mantenham e prosperem é o nosso desejo. Mas os escândalos e as reclamações dos sócios são inúmeros. Há irregularidades graves que temos procurado corrigir.

Conseguiremos evitar todos os abusos? Não o sabemos. O tempo o dirá. Se elas na verdade não concorrem para o estado em que as associações se encontram, continuando de pé, servindo os sócios o melhor que poder ser. Não haja sobre isso ilusões. Mas os seus lucros são devidos e os serviços estão um caos. Os roubos e as bodegas ingratas pelos pobres doentes são bastantes.

Não conhece isto o tal illustre articulista? Agora, depois de derrotados em assembleias que concorreram também, lembrem-se de reclamar, à última hora, da legalidade das eleições, pretendendo assim forçar o ministério do trabalho a dar andamento a uma queixa, apresentada ali sem fundamentos legais, visto não terem sido cumpridas as formalidades prescritas pelo decreto de 5 de Novembro de 1896, único diploma, ainda em vigor, destinado a regular estas questões. Não importa. Não somos homens para sustos. Estamos habituados a luta com o espírito fortalecido com muitos trabalhos e ceneiras em prol das instituições vigentes, confiando por isso—embora vigilantes e atentos—na acção correcta e imparcial dos homens que nos não de julgar. A Direcção da Liga «Aliança Mutualista».

As revelações que acima ficam, como as anteriormente feitas em «A Batalha», ainda que entre umas e outras se encontram algo de exagero, mostram que factos graves, muito graves mesmo, ocorrem através das associações mutualistas em referência.

Não pode o caso passar indiferente a este jornal, visto que pertencendo a maioria da população associativa das instituições mutualistas à classe proletária, mal nos iria se não alheássemos do assunto.

Quer isto dizer que «A Batalha» não o abandonará sem tentar apurar o que há de verdadeiro entre os depoimentos aqui produzidos.

Queda a um porão

Na enfermaria de S. João Baptista, do hospital de S. José, deu ontem entrada José Antunes, de 38 anos, descarregado, residente no Largo de S. Miguel, 8, loja, que deu uma queda ao porão de um vapor inglês, atracado à muralha de Alcântara, ficando contuso no corpo.

Notas de além fronteiras

As declarações de um carrasco húngaro

Numa entrevista com o editor do jornal burguês *Pesti Hirlap*, declarou o enforcador, Alexandre Gyory, que só ele já tinha até então executado 2.260 vítimas, todas elas acusadas e condenadas pelo crime de alta traição. A maior parte eram operários e operárias mandados para a força pelo governo de Horthy, após o desastre da república comunista.

Encontram-se ainda neste momento repletos de presos os cárceres da Hungria, esperando muitos destes a sorte dos 2.260 despatchados por Gyory, a não ser que lhes ajuda o proletariado internacional, a cuja protecção eles até agora já tanta vez em vão tem recorrido.

A propósito das greves de Bombaim

Referindo-se aos movimentos grevistas que ultimamente se tem desenvolvido na Índia inglesa, sobretudo em Bombaim,—e que tem encontrado a maior resistência da parte do patronato, o correspondente do *Times* explicou nos seguintes termos a este jornal as razões do procedimento destes últimos:

«O fim que os patrões inteligentes tem em vista resistindo aos movimentos grevistas não é evitar o ajustamento do salário com o custo da vida ou a melhoria da situação económica do trabalhador, mas fazer desaparecer a crenga, de que só pela greve se poderá obter qualquer coisa, resolvendo os seus problemas».

Já sabemos de há muito que além da ganância e do desejo de só querermos para si, o que sobretudo revolva a burguesia contra os movimentos grevistas, era a desconfiança com que o escravo manifestava o seu direito à vida, e por isso registamos com agrado esta declaração feita por um daqueles, que no meio deles vive, e que partilha das mesmas opiniões.

A falta de trabalho na América do Norte

Aproximadamente 35 % dos trabalhadores da América do Norte estão actualmente desempregados.

Enquanto durou a guerra, os patrões para não perderem a ocasião de ganharem lucros fabulosos, satisfizeram todas as reclamações dos seus empregados, que passaram assim a ganhar um salário bastante elevado em relação ao dos outros países.

Agora, que as circunstâncias são muito outras, e com o pretexto da super-produção, estão eles fechando todas as fábricas, dizendo que enquanto não forem exgotadas os stocks não são capazes de dar trabalho a mais. Todavia, o que eles desejam unicamente é reduzir os salários, tendo para este fim feito primeiro descer um pouco o custo de vida, para depois fazer descer, duma maneira desproporcionada e de desrazada, todos os salários.

Um plano revolucionário na Noruega?

Dizem de Christiania que foi ali descoberto pela polícia um plano terrivelmente revolucionário.

Segundo as revelações do Verdes Gang, tinham os revolucionários resolvido aproveitar-se duma ocasião oportuna para lançar fogo às reservas de lenha do bairro Oslo, apoderando-se então, no meio da confusão e do pânico causados pelo incêndio, dos postos de polícia, das estações telegráficas e dos telefones.

Em seguida prenderiam todos os membros do governo e as personalidades de mais evidência na política, e lançando por toda a Noruega a notícia de que o poder estava nas mãos do proletariado, conseguiriam levantar todo o povo a favor da revolução!!!

Opinião de um rural

Organizar os trabalhadores

Se quizerdes a revolução

Hoje, mais do que nunca, é de grande necessidade desenvolver a propaganda revolucionária entre os rurais.

Como diz Ferreira Quartel, os rurais por si só não se organizam. Sou da mesma opinião. E, desde que assim é, precisa-se que haja outros que os organizem. E esses outros são nós, proletários das diversas classes do país, e em especial os que anseiam uma sociedade melhor, mais igualitária e harmoniosa, porque a sociedade que vós desejais não poderá realizar-se sem que os rurais estejam organizados para a desfeitura e receberem de braços abertos.

Porque vós, proletários conscientes, de sobra o sabeis, que o que não é desejado pode ser aborrecido. E para que os trabalhadores rurais desçam e não aborrecam a sociedade futura, necessário se torna muito sacrifício da vossa parte.

Vós conheceis muito bem, camadas, que não se pode transformar o existente sem que os trabalhadores conheçam o futuro, isto é, as bases da Sociedade Futura. Sem propaganda oral nada se faz. E é desta propaganda que os rurais carecem, porque da escrita não há meio possível de a conhecerem, devido à grande percentagem de analfabetos que tem esta numerosa classe e continuará a ter enquanto não for transformada a sociedade.

Para ser operária a transformação é preciso muito trabalho, muito amor a uma causa, muito sangue frio e muito desprêzo pelos que se põem na nossa frente, impedindo-nos que marchemos para onde quizermos ir. E são estes predicados que tem lançado a maior parte dos que se tem lançado na propaganda entre os rurais, salvo poucas excepções.

Nós bem sabemos que a nossa liberdade depende de qualquer criatura—um cabo de polícia ou um regedor. Mas se olharmos sempre a isso, só lá para as calendas gregas faremos a Revolução em Portugal.

Já o deveis saber, camaradas, que é de vós que a depende a organização rural. E se quizerdes a Revolução tratai de organizar!

Francisca DIAS

AS GREVES

Em Viana-do-Castelo

Operários da construção civil. — A obra de dois vendidos

VIANA-DO-CASTELO, 7-C.—Reclamaram, já há algumas semanas, aumento de 70 % nos salários as classes da Construção Civil, que transigram até aos 50 %, e alguns industriais e patrões aceitaram por não quererem os trabalhos paralisados, sendo abandonados os dos mais irremediáveis.

Sempre que aqui se declara uma greve, especialmente na construção civil, se forma um bloco, cada vez mais fragil, de exploradores com alguns sabios a executar as manobras que eles preparam na sombra.

Está à frente do distrito um inepto, um incompetente, e, ainda que assim não fosse, qualquer edital, ordem, etc., devia ter esta assinatura: comandante da brisca.

Aparecem, na montra da Havanera, uma nota oficiosa assinada pelo senhor Manuel Felix Mancio da Costa Barros, bacharel formado em direito e administrador deste concelho,—não se trata de galinhas, ovos ou tangerinas—dizendo «não ser admissível qualquer reclamação de aumento de salário porquanto muitos generos tinham baixado de preço, como batatas, milho e outros, e qualquer indivíduo que incitasse a greve seria tido como agitador», terminando por «aconselhar o operariado a continuar nos seus trabalhos para bem da ordem e da produção tam necessária a esta região».

Vejamos agora todo o misterio, que não nos foi difícil desvendar, apresentando também alguns personagens que, pelo seu passado, são demasiado conhecidos: José Leinha e Manuel Alves.

O primeiro, saindo com as mãos muito limpas da cooperativa de produção—aquilo era dele e doutros—que há anos existiu, contribuindo para o enfraquecimento da organização, a desconfiança, e muito trabalho e sacrifícios para os que pela mesma se tem interessado.

Este cavalheiro, de então para cá, andou arredado do seu sindicato profissional por não merecer credito entre o operariado, ingressando nele há algum tempo, apesar de pequeno industrial—por não poder ser grande...

O segundo, o Judo de sempre, como o foi naquela memorável greve da construção civil, há uns vinte anos, aproximadamente, vendendo os seus camaradas!

Mas... não percamos tempo a analisar o carácter de criaturas que, moralmente, há muito que estão mortas, e apresentemos a sua obra de mercenários que, felizmente, não deu o resultado desejado.

De harmonia com a nota do administrador, agia o dono do segundo destes gajos, o Trêze-Tudo, com outros, para arrebançar com a organização operária e serem presos os seus militantes nas condições citadas pelo senhor... Felix Mancio. Tendo de realizar-se uma assembleia geral da construção civil, na passada quinta-feira, Leinha e Alves, com outros já subornados, o primeiro com os seus dotes oratórios—atirar-se-iam sobre os cantos e pedreiros, e como naturalmente outros lhes ripostassem, armaram-se a desordem e, daí, prisões, encerramento de sindicatos, etc.

Porém, como alguém soubesse do que se tramava e prevenisse o presidente de cantos, este declarou não realizar-se tal assembleia pelo que os estudantes e pintores, classe a que pertencem os indivíduos em questão, resolveram reinar, esboçando-se ainda princípios de desordem que não foram mais longe devido à intervenção dos mais prudentes.

Foi ali, então, que poderam dizer que «meia dúzia de agitadores» andavam a arrastar-las para a revolução, levando a classe a aceitar apenas 20 %!

Um polícia não dizia melhor! Apesar de usarem máscara em todo o ano, é em pleno carnaval que ela lhe cai!

IMPRENSA

Entrou no 7.º aniversário O Eco do Arsenal, mensário órgão do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional.

Completo um ano de existência O Eco Telegrafista Postal, quinzenário órgão da Associação de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telegrafos.

Acaba também de entrar no seu 2.º ano de vida O Emancipador, bairrante das classes operárias da África Oriental, que se publica em Lourenço Marques.

Em Vila Nova de Gaia reapareceu o quinzenário socialista A Luz do Operário.

Iniciou a sua publicação em Lisboa A Mocidade, órgão do Grupo Excursionista Mocidade.

Começou também a publicar-se nesta cidade o semanário A Voz da Classe, das comissões parquiais da Federação Nacional Republicana.

Recebemos o número único Bons Costumes, de homenagem ao costurheiro Manuel Castelo Branco, quando da festa que lhe foi dedicada pela empresa do teatro Apolo.

Contra a reacção espanhola

Continua o operariado português a manifestar o seu protesto contra as perseguições do reacçãoarismo de Espanha à organização operária e militantes operários daquele país.

Na última assembleia geral do Sindicato Unico das Classes Mobiliárias do Porto foi votada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que os nossos camaradas espanhóis são perseguidos de uma maneira acinofosa pela reacção patronal que pretende aniquilar a organização operária daquele país, a assembleia geral reúne para tratar de assuntos diversos resolve:

- 1.º Lavrar o seu mais veemente protesto contra essas perseguições e saldar as vítimas da reacção espanhola;
- 2.º Que este protesto vá ao conhecimento da organização operária daquele país e bem assim ao representante do governo espanhol em Lisboa, por intermédio de C. G. L.

COLISEU DOS RECREIOS

Amanhã, quinta-feira

A's 21 horas

estreia da nova companhia de circo, a maior e mais completa que tem vindo a Lisboa

Os mais sensacionais

numeros

Os mais reputados artistas mundiais

Hoje não há espectáculo

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Conselho técnico. — Reúne amanhã, às 20 horas, a assembleia dos delegados para eleição da comissão administrativa e comissão técnica para o ano corrente. Devido à importância e responsabilidade dos cargos a preencher, é preciso que nenhum dos delegados eleitos pelas secções profissionais falte a esta reunião.

Federação Mobiliária. — Comissão administrativa. — Convidam-se todos os membros desta comissão a reunir hoje, às 20 horas, a fim de resolverem sobre um assunto que se prende com a organização do Porto.

Operários Alfaiates. — Comissão de melhoramentos. — Reúne hoje, esta comissão juntamente com a comissão técnica, a fim de resolver assuntos que ficaram pendentes da reunião transada. Pela importância dos trabalhos a realizar, devem comparecer todos os componentes da supracitada comissão, a fim de se não protelar mais os trabalhos.

Administradores e Anexos. — Reúne hoje, pela última vez, a comissão administrativa, que terminou o seu mandato, para realizar o fecho geral de contas e dar posse a nova comissão, acto este que se realizará na sexta-feira.

Desordens

Foi fértil em desordens o dia de ontem. Muitos ferimentos, muitos tiros, algumas facadas. O Carnaval traz às vezes destes tristes sucessos.

Amadeu Ferreira Leal, estivador, de 25 anos, morador na Rua Castelo Pico, 50, recebeu ontem nas nádegas um certo número de facadas, perpetradas por indivíduos com quem andou em desordem, por uma simples questão de fraternidade.

— O soldado 231, da G. Republicana, tem 23 anos de idade e chama-se Manuel Domingos. Ontem à noite foi para as proximidades da Brasileira do Rossio.

Não averiguamos por que malas artes, desaviam-se uns tantos dos que naquelas paragens demoravam. Resultado: ficar o Domingos com uma bala na perna, e ainda com a cabeça aberta, consequência natural duma cutelada que um polícia lhe vibrou.

— José Ermelindo Lopes da Silva, refinador de açúcar e morador na travessa Detraz dos Quartéis, 14, loja, envolveu-se em desordem com outros indivíduos, próximo da sua residência. A aventura custou-lhe o estrago da perna esquerda, onde uma bala sem letreiro se lhe foi alojar.

Na Morgue

Entrou ontem na Morgue uma criança que aparenta ter nove anos, regularmente vestida, de barrete verde, que foi atropelada por um automóvel no Campo Grande.

Recolheu também à Morgue o carroceiro Ricardo dos Santos, de 65 anos, morador na rua Actor António Pedro, que nos Olivais ficou debaixo da carroça que guiava, morrendo instantaneamente.

TEATROS & CINEMAS

Reclamos

Agora, que terminaram os folguedos carnavalescos, é ocasião própria para se poder apreciar toda a delícia da linda comédia «O Marquês de Villeneuve», que se repete no Nacional, em única recita da moda e na qual Brazão tem uma das suas brilhantes coras. Sexta-feira, pela primeira vez, na actual temporada, vai à scena a bela peça de D. João da Câmara, «Os Velhos», cuja audição é sempre ouvida com excepção agradável.

Estreia-se amanhã no Coliseu dos Recreios a nova companhia de circo que vem substituir a que ali se exhibiu e que deu ontem o seu último espectáculo. A empresa e a direcção desta casa de espectáculos ofereceram ontem à noite um delicioso copo de água à antiga companhia, no qual tomaram parte alguns artistas da nova companhia.

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS—A's 21.—«Palhaços».—Bailado das óperas «Thaïs» e «Sisno» e «Dileta».

NACIONAL—A's 22.—«O Marquês de Villeneuve».

S. JOÃO—A's 21.—«A Leitura de Entre Arvores».

POLITEAMA—A's 21.—«Gente chic».—A's 22.—«Bailado de dança».

GINASIO—A's 21,30.—«A madrasta de Chary».

TRINDADE—A's 21.—«O illustre desconhecido».

AVENIDA—A's 21,15.—«A Intimiga».

EDEN—A's 21.—«Bomba real».

APOLLO—A's 21.—«Burro em pé».

SALAO FOZ—A's 19,30.—Companhia de variedades.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21.—Grande companhia de circo.

CH. VICENTE—A's 21.—Hoje e amanhã, a zarzuela «Chateau Margaux», variedades e a revista local «O Zé da Graciosa».

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu ontem a sr.ª Maria do Ceu Borges, cunhada do serfido geral do Sindicato Unico Metalurgico, o nosso camarada João de Matos, que é também do Conselho Juridico da C. G. T. O funeral saíra pelas 15 horas, da R. Antonio Pedro, 74, 4.

Os Dôze

Filho traz alguma coisa?

—Nada, mãe. Corri inutilmente a cidade durante toda a manhã. Os comerciantes tem rapazes de sobra, as portas das fábricas aglomeram-se milhares de trabalhadores como eu sem trabalho. O campo cultivado está coberto de neve, e os rendeiros choram a perda de suas colheitas. Supliques e minguem me anteuem, pedi esmola e não me socorreram.

—Bem, não te rales, meu filho; morrerei resignado.

—Não, mãe. Ainda existe um remédio. Há um lugar na cidade que não tem nenhum prebendado e proporciona bom salário. Repugnava-me pedi-lo; mas pedi-lo-ei, e a morte de muitos me assegurará a tua vida e o teu carinho.

—Que lugar é esse?

—O de carrasco.

—Não, meu filho, não. Não te dei olhos para que viesses com ódio; não te dei mãos para que as manchasses de sangue. Uma e mil vezes não. Sinto-me já bem; já não estou doente; já não tenho fome nem sede. Abraça-me, meu filho! Abraça-me, e jura que não serás carrasco!

—Mãe, mãe! Acabaram os nossos sofrimentos. Tudo que me entregarem será para ti. O quartel está perto, e quando menos poderei repartir contigo o meu rancho. Depois, subirei, terei soldo, sei oficial, e verás brilhar na minha manga, como três sóes, três estrelas reluzentes.

—Pobre filho!

—Filho, donde vens? Estás palido.

—Que é isso? Manchas de sangue? —Sim. Cumprir-se a lei. Aquele sargento que me acompanhava algumas vezes, matou por ciúmes o coronel do seu batalhão. O conselho de guerra condenou-o à morte. Fuzilamo-lo hoje.

—Tu também?

—Também. A sorte, a minha má sorte designou-me com mais onze para dar cumprimento à sentença.

—Não podias negar-te?

—A disciplina é dura.

—E fraco o coração.

</